

Jorge Waxemberg

A CRISE DO SUCESSO

Índice

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 3 |
| 1. O SENTIDO DA LIBERDADE | 5 |
| 2. RUMO A UM NOVO MODO DE PENSAR | 13 |
| 3. A CRISE DO SUCESSO..... | 22 |

INTRODUÇÃO

Quantas vezes desejamos pensar de um modo geral sobre nós mesmos, a humanidade, o mundo e não sabemos como fazê-lo! Quando a nossa mente não se distrai, surgem-nos as ideias que se prenderam a nós, mas que não são nossas: pensamentos de outras pessoas, produtos de mentes desconhecidas que nos dizem o que devemos pensar. Além disso, quando a vida não é o que gostaríamos que ela fosse, os nossos desejos distorcem as nossas ideias para onde eles apontam, e já não sabemos se pensamos de uma maneira porque é assim ou porque desejamos que seja assim.

Vivemos nos defendendo; as nossas opiniões são também um modo de defender o que é nosso. É assim que os nossos pensamentos tampouco fluem livremente; ajustam-se ao interesse que temos no momento. Não podemos, então, estranhar por não conseguirmos compreender sempre o que está nos acontecendo.

O primeiro capítulo deste curso fala sobre aspectos da liberdade. O sentido da liberdade é, provavelmente, um dos tópicos mais discutidos em todas as épocas. Todos defendemos a nossa liberdade. Mas, que liberdade? Poucas vezes nossas respostas coincidem.

O segundo capítulo, “Rumo a um novo modo de pensar”, supõe-se que temos o hábito de pensar. Mas, temos realmente um pensamento próprio? São muito escassas as ideias originais; estamos tão acostumados a adotar espontaneamente as opiniões difundidas por nossas fontes de informação que já não sabemos distinguir quando pensamos por nós mesmos. Além disso, pensar por si mesmo tem se constituído em um risco cada vez maior de se ser marginalizado, quando não combatido ou desqualificado. No entanto, se não aprendermos a pensar, correremos um risco maior ainda.

A mente é o instrumento mais precioso de que dispomos; sacrificar a sua liberdade seria sacrificar a nossa própria condição humana. Muito se tem discutido e lutado pela liberdade de pensamento, mas essa liberdade seria uma ilusão se não fôssemos interiormente livres para poder pensar.

Por outro lado, temos excluído tanto de nossa vida cotidiana a ideia de pensar, que o nosso modo de viver pode estar em franca discordância em relação às opiniões que difundimos, sem que isto signifique um conflito nem para nós nem para os outros.

A faculdade de pensar costuma se limitar a uma técnica de raciocínio abstrato que poucas vezes aplicamos em nossas atividades cotidianas. Por este motivo, o seu desenvolvimento não tem produzido um adiantamento correlativo em nós, uma vez que enfrentamos não só problemas racionais, mas também vitais para o nosso bem estar e desenvolvimento.

Não é pouco frequente que pessoas com mentes brilhantes e argutas não consigam solucionar problemas humanos elementares, fracassem em sua vida particular ou não consigam desenvolver suficientemente sua sensibilidade e equilíbrio interiores.

O terceiro capítulo, “A crise do sucesso”, pode dar a impressão de ser uma crítica negativa à sociedade atual e de não oferecer esperança de solução para os seus conflitos. Não é esta a nossa intenção. Pouco favor faríamos se, além de assinalar as nossas deficiências, nós nos condenássemos a morrer com elas. Porém a busca de uma solução real para os problemas e para as tragédias que nós mesmos geramos não nos é fácil, pois exige de nós um desenvolvimento interior que acompanhe, pelo menos, os adiantamentos alcançados pela sociedade atual e que, além disso, nos prepare para as mudanças futuras que não conseguimos ainda vislumbrar, devido ao ritmo acelerado do avanço no conhecimento e suas aplicações.

Se oferecêssemos novos planos teóricos como solução para os problemas humanos, estaríamos servindo novos pratos da mesma comida que nos tornou enfermos: uma nova estrutura intelectual para distrair-nos e não ter que nos ver tal qual somos. Às vezes se faz necessário golpear fortemente a casca em que nos encerramos para ver conclusões que são evidentes. Somos duros para despertar, quando esse despertar significa mover-nos por dentro. Nossa inércia interior pode chegar a ser tão forte que costuma parecer impossível uma mudança espiritual em nós mesmos. Porém hoje já é tão clara a necessidade de mudança que cada um de nós tem a responsabilidade de se despertar interiormente e expandir seu próprio estado de consciência.

Neste sentido, despertar é sacudir a inércia que nos mantém prisioneiros de nós mesmos; é sermos capazes de confessar-nos o que somos, o que fazemos e o que perseguimos; e é também termos suficiente força interior para desenvolver-nos espiritualmente.

Outubro de 2011.

1. O SENTIDO DA LIBERDADE

Existe em nós um anseio natural de liberdade para viver como queiramos fazê-lo, para experimentar, investigar, saber, ser. O exercício desta liberdade tem nos dado, como consequência, uma sociedade cada vez mais complexa que vai cortando paulatinamente, uma a uma, as liberdades – ou ideias de liberdade – que temos em prol do adiantamento da organização, tanto dos estados nacionais quanto da maioria das áreas de nossa vida: trabalho, estudo e, em muitos casos, até a diversão. Esta contradição nos coloca a seguinte pergunta: o que é ser livre?

O desenvolvimento do conhecimento e o avanço da tecnologia têm trazido profundas mudanças em nossa vida particular, na estrutura social e também nos conceitos de trabalho e de utilidade. Estas mudanças nos dão novas possibilidades e, por isto, implicam novos desafios para a imaginação e para a inteligência, não só em relação às nossas atividades, mas também em relação aos nossos valores. Vivemos em um novo contexto que, além de nos fazer pensar sobre como vamos viver, trabalhar e nos relacionar, leva-nos a refletir sobre as ideias que tínhamos até o momento, especialmente a de liberdade.

No âmbito de nossas atividades, é comum contrapor a ideia de liberdade à de escravidão nas obrigações que temos de cumprir. A nossa vida, então, oscila entre pares de opostos: instantes de alívio entre períodos de tensão; momentos de relativa irresponsabilidade entre outros de responsabilidade.

Se definirmos a ideia de liberdade por oposição à de escravidão, transformaremos a liberdade em um estado contraditório. Porque, se por um lado desejamos uma organização eficiente que coordene os esforços e torne ótima a produção para solucionar as nossas necessidades, por outro lado rechaçamos as consequências inevitáveis desta mesma organização, por atacar o que entendemos serem as nossas liberdades individuais.

Da mesma forma, se pretendermos que o estado nos proteja, na maior parte possível de nossas necessidades, também deixaremos a seu arbítrio a maior parte de nossas opções. Quanto mais ajustada é a organização, menor é a margem que deixa para as nossas liberdades.

Embora compreendamos que o exercício da liberdade se determina dentro de certos limites, quando estes se tornam cada vez mais estreitos, o campo onde esta liberdade é possível fica tão reduzido que já não sabemos com clareza o que é *ser* livre.

Na medida em que aumenta o número de pessoas na Terra, vão se esgotando os recursos naturais, as comunidades humanas crescem e se interrelacionam de forma mais profunda, a vida se torna mais complexa, as comunicações e a capacidade de informação se multiplicam, as sociedades se organizam mais e mais. Tudo isto produz o progressivo despojamento de nossa vida privada até o ponto em que *já não fica quase nada que possamos guardar para nós mesmos. Independentemente das circunstâncias que vivamos*

ou do contexto em que nos desenvolvamos, perdemos paulatinamente a liberdade de sermos nós mesmos, como personalidades separadas e independentes do conjunto. E este era, até hoje, um dos aspectos mais definidos na ideia de liberdade, pelo menos em nossa cultura.

Na sociedade atual, temos cada vez menos direito a dispor de nosso tempo, de nossa vida, de nosso ser.

Não nos importa muito, na realidade, determinar quem são os inimigos de nossa liberdade, mas sim tomar consciência de que a tecnologia nos tira progressivamente os campos onde podemos desenvolver-nos segundo a nossa ideia de liberdade e nos vai levando para um complexo sistema de reações automáticas, pré-ordenadas. A vida artesanal é trocada pela eficiência técnica; a vida individual é trocada pela vida coletiva. E isto nos faz sentir que se acabaram os nossos ideais de liberdade.

Pode parecer estranho que não exista uma resistência organizada em defesa das liberdades que entregamos em prol da eficiência da organização e da tecnologia. Embora sejam evidentes o temor e o repúdio em relação a uma sociedade cada vez mais fria em sua eficácia, menos humana, nós não nos opomos a ela. Seria opor-nos ao progresso.

Sentimos que estar contra o avanço da ciência e de sua aplicação na tecnologia seria retroceder e restringir uma das liberdades mais preciosas do indivíduo, a de saber. Porém este conhecimento se volta, em suas consequências, contra as nossas ideias de liberdade, limita-nos e nos aprisiona. A necessidade de organização nos tira a liberdade de ser desorganizados. E talvez essa liberdade, a de desorganização, a de seguir o anseio do momento, seja uma das poucas que realmente conhecemos.

Nesta época de conquistas assombrosas, em que estão ao alcance de nossas mãos possibilidades que até há pouco tempo eram sonhos de visionários, é trágico o anacronismo das doutrinas que pretendem sustentar-nos e que, no melhor dos casos, pertencem a uma época da qual nos separa mais de um século, em anos, e um universo, em distância.

Torna-se necessário, portanto, rever os postulados que nos localizam no mundo e na vida, sob pena de ficarmos à margem da história e alheios às possibilidades que hoje se abrem para nós.

Acreditamos que somos livres se pudermos dar a nossa opinião como nos agradar; que temos liberdade de consciência se pudermos optar pela crença que nos parecer melhor. Pensamos também que ninguém pode nos obrigar a trabalhar ou a estudar se não desejarmos fazê-lo; que ninguém tem o direito de se meter em nossa vida particular, desde que cumpramos as leis. Porém também sentimos que nem sempre queremos fazer o que sabemos que devemos fazer e, quando podemos não cumprir as nossas obrigações, pensamos que exercemos a nossa liberdade. Mas, podemos discutir a necessidade de se fazer o que se tem que fazer?

O que nos resta de liberdade, quando a soma dos deveres, obrigações e responsabilidades se faz cada vez maior?

Quando a organização alcança um certo grau de complexidade, a nossa condição de sermos humanos é invadida em algo tão elementar como a faculdade de decidir e de escolher. A satisfação uniforme das necessidades, condicionada pelos meios de propaganda e venda, diminui paulatinamente em nós a capacidade de escolha e de decisão consciente para satisfazê-las.

Por isso, perguntamo-nos agora, qual será o campo real onde cada um de nós poderá exercer a sua liberdade, esse campo que é inerente ao ser e que a organização não pode alcançar.

Como podemos conciliar a ideia de liberdade e a de participar, em uma sociedade que nos ameaça a fazer-nos desaparecer em uma massa anônima?

Se limitarmos a vida a uma sucessão de atos que fazemos, não nos restará, na verdade, quase nada. Este tema se baseia no fato de que sabemos muito pouco sobre como viver fora dessa projeção no fazer, no ir e vir, no ganhar e possuir. A nossa consciência de ser descansa, fundamentalmente, em nossa capacidade de fazer. E esse fazer busca projetar-se em atos concretos, objetivos, exteriores.

O conceito que temos em relação às pessoas, aos acontecimentos e, até mesmo, aos valores está marcado por nossa identificação com o que fazemos e, muito frequentemente, com o que conseguimos através do que fazemos. Poucas vezes reparamos suficientemente na distância que há entre o que fazemos e o que somos. No entanto, é inevitável que o que cada pessoa faz tenha o selo do que ela é. Tanto é assim que, embora muitas das conquistas humanas sejam grandiosas e notáveis, os seus resultados não têm evitado a dor e a destruição.

A nossa projeção na ação exterior centra a busca de liberdade na faculdade de nos movermos, de fazer, de falar – o que não significa, necessariamente, liberdade de pensar. Por exemplo, o modo como entendemos a liberdade de culto faz com que esta liberdade se torne relativa, uma vez que a imensa maioria das pessoas que nascem em uma crença também morrem nela. É bom cada pessoa ser fiel à sua fé, mas são muito poucos os que a escolhem conscientemente, com liberdade.

A liberdade de pensamento é observada muito raramente. Geralmente, ela é confundida com a capacidade de discordar. No entanto, é relativamente fácil antecipar as linhas gerais das opiniões de uma pessoa, apenas por se saber o país onde ela nasceu, o seu nível econômico, a sua religião, o círculo social onde atua e os textos que lê.

A maior parte de nossas ideias e de nossos valores não foram elaborados e escolhidos por nós mesmos, mas simplesmente foram aceitos por nós. Esta aceitação chega a ser tão completa que se acredita que realmente se pensa assim. O mais comum é que se pense de acordo com a sua religião, a sua inclinação política, a sua classe social, a sua raça, o seu país. Na verdade, pensa-se de acordo com o círculo a que pertence. Se não fizer assim, será marginalizado como um inadaptado, rebelde, perturbador ou, simplesmente, um inimigo. Se lutar para conquistar uma liberdade exterior – enfim, a liberdade de expressão é exterior –

conterá com apoio e simpatia; porém se sentir que a liberdade começa a partir da liberdade interior, muito cedo compreenderá o preço da liberdade. E também um pouco do seu sentido.

No entanto, é possível escapar da tirania da sociedade organizada; ainda restam no mundo ilhas desabitadas, rincões afastados onde se pode viver a liberdade natural. No entanto, muito poucos pensam em ir para lá. É que tal retiro é concebido como uma fuga, um escape da realidade e do compromisso com a humanidade e com o mundo. Mesmo quando este compromisso nos sobrecarrega com dores que não havíamos desejado sofrer.

Hoje, ainda lutamos com muito esforço para defender a nossa liberdade, a qual sempre está em disputa com a de nosso vizinho. Não existe um limite fixo que marque onde termina o direito pessoal e começa o da comunidade. O sentido dos direitos pessoais está intimamente relacionado, na verdade, com o sentido de responsabilidade que cada um de nós tem em relação à comunidade. E esta responsabilidade ainda não é bem entendida, já que a maioria de nós tem uma atitude de defesa frente à sociedade. Ainda não compreendemos totalmente que não podemos separar a sociedade de nós mesmos.

Se alguém opõe a sua noção de ser como indivíduo à de seu ser social, estabelece uma divisão dentro de si mesmo e, conseqüentemente, uma oposição entre o que entende serem as suas próprias necessidades e direitos e os que lhe correspondem como ser social.

Se alguém se situa no mundo como um ponto de conflito em que o indivíduo luta contra a massa, o individualismo contra a responsabilidade social, esta pessoa é um ser dividido e não há paz nem em si mesma e nem no mundo. A oposição entre os sistemas de ideias é, na verdade, uma luta que ocorre em nosso interior; a personalidade que adquirimos não desiste do combate contra o que somos como seres humanos.

Não podemos ser livres enquanto a nossa vida for a expressão de uma luta contínua entre o querer e o dever. Quando interiormente se é um campo de batalha, como se pode saber quem se é, o que se quer, o que se deve fazer e quais são as suas possibilidades?

É que no centro do conflito não estão as ideias nem as estruturas, mas o indivíduo. E esse indivíduo – o que cada um é como pessoa, como ser social, como fenômeno existencial – é o que se questiona.

As circunstâncias têm feito com que nada seja intocável. As posições nas quais estamos habituados a entrincheirar-nos são questionadas e têm deixado de ser irredutíveis. O desmoronamento de algumas estruturas não tem significado para nós uma liberação, mas sim uma maior insegurança e temor. Por não estarmos habituados a viver e a pensar por nós mesmos e por não podermos confiar nos sistemas que pretendem fazê-lo por nós, sentimos-nos sem apoios e sem ter a quem recorrer. E isto nos faz viver esperando. Esperando que algo ocorra; que, de alguma forma, chegue o ponto final para uma situação insustentável, algum tipo de grande mudança. Enquanto isso, do temor nasce a angústia, a agressão e ainda a tendência para a autodestruição.

Porém nenhuma saída tem sentido se a sua finalidade for destruir; nenhuma troca valiosa nem valores novos nascerão depois por geração espontânea. Enquanto hoje vemos como são derrubadas muitas das bases de nossas sociedades, não são mostradas, com clareza, outras novas e melhores.

Se nós fomos condicionados para pensar e para atuar como o fazemos, não podemos chamar de liberdade a capacidade de atuar e de pensar assim. E é difícil escapar de tal condicionamento, porque quem sempre é levado pela mão não aprende a caminhar por seus próprios meios.

Esta dependência frustra os intentos de se alcançar uma verdadeira liberdade. Por outro lado, ainda que se possa subtrair-se do meio organizado, não se pode escapar de si mesmo, vá aonde for. E descobre-se assim que se é tão escravo de si mesmo quanto se possa ser de qualquer sistema.

Não há estruturas, organizações sociais nem sistemas que, por si mesmos, possam condicionar-nos e escravizar-nos se não lhes dermos a nossa força para fazê-lo, a que produz o desejo egoísta de possuir, quer sejam bens ou uma felicidade exclusiva. Esta é uma força irrefreável que nos lança em uma corrida com avidez inconsciente e sem sentido que não faz outra coisa a não ser somar egoísmo à enorme carga de indiferença, de separatividade e de dor que já temos. O desejo se torna o nosso dono e acreditamos que somos livres ao obedecer-lhe. Porém, enquanto permanecermos escravos de nós mesmos, não poderemos deixar de ser escravos de outros ou daquilo que venha de fora de nós mesmos; a avidez nos torna débeis.

Não poderíamos ser condicionados por hábitos de consumo se não houvesse em nós uma ânsia de possuir e de consumir que vai muito além de nossas necessidades reais. A ânsia de possuir mostra a insegurança da qual somos prisioneiros, pela qual buscamos crescer através de coisas ou de renome, já que não podemos ou não sabemos crescer como seres.

Aprendemos a viver a partir da satisfação de nossas necessidades. Mas hoje já não sabemos com clareza o que é que verdadeiramente necessitamos porque fomos formados para necessitar o que o meio nos oferece. Fomos educados para ser bons consumidores de bens de toda índole, tanto materiais como econômicos, ideológicos ou espirituais. E não podemos separar o nosso modo de viver da necessidade de consumi-los. Este hábito nos identifica de tal modo com o que consumimos que já não podemos distinguir com nitidez quem somos.

Assim como nos capacitamos quando queremos realizar o que consideramos desejável, temos que adquirir liberdade em relação ao que alcançamos. Quando adquirimos uma capacidade ou aprendemos algo, tendemos a aderir o que podemos fazer ou o que sabemos à nossa noção de ser, noção que reduzimos à personalidade que adquirimos, adornada com o que aprendemos, um bem – ou algo que represente um valor para nós – que podemos exhibir e através do qual queremos ser reconhecidos. Por exemplo, estudamos para ser médicos, advogados ou engenheiros. A partir do momento em que conseguimos o título, quando chegamos em algum lugar, alguém diz, por exemplo, “chegou o engenheiro”, mesmo que

estejamos em uma reunião social que não tenha nada a ver com a engenharia. O problema não é como nos chamam, mas o que sentimos que somos por causa de nosso título ou de nossa capacidade. Esse sentimento, na maioria das vezes, faz-nos atuar em todas as partes como profissionais, ou artistas, ou técnicos, ou como o que acreditamos que somos, e não simplesmente como pessoas. Essa forma de agir é muitas vezes paternalista, como se nos sentíssemos acima daqueles que sabem menos ou podem menos do que nós.

Daí a importância de compreender que, atados como estamos ao afã de possuir, as nossas realizações nos escravizam em vez de liberar-nos. Se amássemos a liberdade, teríamos de poder desprender-nos dos frutos de nossas conquistas quando tivéssemos a possibilidade de alcançar novos horizontes. Mas também temos que reconhecer que é mais difícil ter a liberdade de deixar do que ter a capacidade de obter o que desejamos. Mas essa liberdade é a condição que transforma uma conquista em um bem real. Porque a liberdade em relação ao que temos e conseguimos transforma a posse exterior que possamos ter em uma posse interior. E a liberdade interior nos mostra que só é realmente nosso aquilo que, por ser intrínseco, não podemos perder; não pode ser separado do que somos.

Da mesma forma, necessitamos entender as nossas limitações. Geralmente, identificamos como sistema escravizante a estrutura a que nos opomos, sem dar-nos conta de que dependemos mais daquela sobre a qual nos apoiamos.

Liberdade é, precisamente, a que nos permite revisar esses pontos de apoio.

Quando devemos seguir o ritmo da tecnologia ou da organização, pensamos às vezes que perdemos liberdade. Na verdade, mais do que a tecnologia ou uma organização, são nossas próprias debilidades as que podem atar-nos aos sistemas.

Reconheçamos que nos integramos deliberadamente na organização porque estimamos mais o que ela nos dá do que o que ela nos tira. E nos tira, precisamente, uma ideia de liberdade que já não nos entusiasma.

Significa isto a negação do anseio de liberdade que supomos ser inerente ao ser? O que ocorre é que o que realmente buscamos é uma liberdade que não está contida nem limitada em conceitos; ansiamos uma liberação real e profunda. Nós a buscamos através da ciência e da técnica e também através de diversas doutrinas espirituais e de lutas sociais. E nesta busca, costumamos confundir e mesclar diferentes ideias de liberdade.

Hoje nós nos apressamos em nos colocar em moldes padronizados para afirmar-nos e sentir-nos seguros: intelectual, materialista, sonhador, vencedor, perdedor, rebelde, ignorante, medíocre, dogmático, conformista etc. Qual é o molde que nos corresponde como seres humanos?

Pouco nos vale romper com os sistemas exteriores se não compreendermos a nossa estrutura interior unilateral e condicionada.

Cada vez que avançamos na compreensão do que não somos, do que não nos pertence porque é produto da história, das circunstâncias, do meio, adiantamos no conhecimento do que somos e de nossas possibilidades interiores, aquelas que respondem ao que o ser é. E este passo se traduz em liberdade.

De que nos vale alcançar a liberdade de mover-nos, de expressar-nos e outras mais, se estas manifestações não são genuinamente nossas?

O certo é que a liberdade e a plenitude são bens interiores que não dependem tanto do que recebemos nem de nossas conquistas materiais, mas de nossa atitude frente aos bens, frente à sociedade, à vida e ao mundo.

Se a liberdade exterior que vamos perdendo não for equilibrada com um desenvolvimento de nosso estado de consciência, seremos cada vez mais eficientes, como o são as máquinas ou os robôs, enquanto nos perdemos como seres humanos.

Na medida em que entendemos a nós mesmos como parte inseparável da humanidade e do mundo, nós nos liberamos de uma noção de ser limitada e parcial e alcançamos uma consciência que abarca todos os seres humanos e um mundo que se estende mais e mais.

A liberdade interior é mais difícil de ser conseguida do que a exterior, e é ainda mais difícil de ser definida, porque não depende de triunfos sobre os outros ou sobre uma sociedade opressora, mas de nosso desenvolvimento interior, da capacidade de sermos livres em relação a nós mesmos. Isto requer um trabalho interior que se traduz em um novo tipo de esforço. As lutas interiores não podem ser objetivadas do modo como o fazemos com um inimigo externo. Por isto, troca-se o conceito de inimigo e de vitória. A paixão destrutiva se torna um esforço de transmutação, porque não podemos arrancar de nós mesmos as partes que consideramos más, mas apenas transformá-las.

O mesmo ocorre em relação ao nosso esforço para conseguir uma sociedade mais harmônica e em paz. Ao deixar de dividir o mundo entre amigos e inimigos, descobrimos a humanidade, talvez pela primeira vez. E essa descoberta, produzida por nossa expansão interior, traduz-se em uma responsabilidade total frente aos seres humanos e ao mundo. Esse novo sentido interior de responsabilidade faz com que abramos mão de nossa ideia de liberdade pessoal e separada; compreendemos que só somos livres quando renunciamos à nossa liberdade particular.

O nosso compromisso interior já não nos permite interpretar a liberdade como a faculdade de fazer o que nos dá vontade; a nossa opção se reduz à de decidir, em cada momento, se estivermos dispostos a ser e fazer o que sabemos que devemos ser e fazer, no contexto de um estado de consciência cada vez mais amplo e participativo.

A liberdade se transforma em uma verdadeira necessidade de viver o nosso compromisso interior com a humanidade, com o mundo e com nós mesmos.

A liberdade começa, então, com a capacidade de crescer interiormente para além de nossas limitações, impedimentos e condicionamentos; de crescer de forma expansiva, consciente e plena. Este crescimento transforma a visão que se tem da vida, de si mesmo, da humanidade e do mundo, e vai integrando o ser à realidade, até que deixa de se constituir em algo oposto – a *minha* realidade frente à realidade – e adquire um estado interior de participação no qual desaparecem as contradições.

A liberdade, por ser interior, deixa de se apresentar como um objetivo a ser conquistado e defendido, e se mostra como uma nova visão, ampla e expansiva, do ser humano e de suas possibilidades. Assim como esta visão nos localiza no contexto de toda a realidade que percebemos, assim também desperta em nós a consciência de nossa individualidade.

É por isto que teríamos que falar de liberdade apenas em relação à conquista de nossa individualidade. E esta realização, que é interior por excelência, marca o caminho do desenvolvimento de nosso campo de consciência, do que somos como seres em um mundo em que a possibilidade de fazer é substituída progressivamente por mecanismos automáticos.

A transformação da ação exterior em uma interior marca uma troca fundamental em nossa consciência. E esta mudança determina o começo do desenvolvimento de nosso ser interior o qual, até agora, conhecemos indiretamente, pois o que se torna evidente em nós não vai além das reações e manifestações do ser – o nosso ser – que não conhecemos.

Este mundo interior é o âmbito onde temos de desenvolver um novo sentido de liberdade, o de ser o que realmente somos, o do encontro final com nós mesmos, para redescobrir a partir dali a humanidade, o mundo, o universo. Não sendo assim, todos os nossos avanços e descobertas apenas nos informarão sobre uma realidade que não poderemos incorporar em nós e que, por isso mesmo, não deixará de ser estranha para nós.

A luta pela liberdade, então, translada-se para o nosso interior e se expressa em uma renúncia que nos torna possível saber o que queremos, o que fazemos, o que somos. Porque ao terminar a nossa identificação com o que desejamos, com as nossas coisas, com os nossos bens, as nossas ideias feitas, terminamos também com a dependência interior em relação a nós mesmos.

Essa renúncia nos permite tomar distância, independentizar-nos de nossas reações, conhecer por que pensamos como pensamos, desejamos como desejamos, trabalhamos como trabalhamos. E, ao nos liberar de uma vida condicionada ao estímulo-reação, já não haverá laço que possa nos atar.

Não conseguimos liberdade interior pela força nem a alcançamos através de posses ou do poder. A liberdade interior é fruto da renúncia a nós mesmos. A nossa renúncia dissolve os laços que nos atam às coisas, às ilusões, aos sonhos; rompe o cárcere que nos condiciona aos desejos e aos impulsos. Permite-nos conhecer e ser o que realmente somos.

E isto é começar a ser livre.

2. RUMO A UM NOVO MODO DE PENSAR

Apesar de os seres humanos nos vermos divididos e confrontados por concepções diferentes da vida e do mundo, uma análise menos superficial revela que o que realmente nos separa não são as ideologias que professamos, mas o alcance que os nossos estados de consciência dão a essas ideologias.

Podemos acreditar que nos esforçamos pelo bem da humanidade, porém em cada estado de consciência concebemos este bem de maneira diferente. Muitos lutamos e trabalhamos apenas para nós mesmos; outros o fazemos para a nossa família, ou pelo nosso país, nosso credo ou nossa raça.

É inevitável, então, que os diferentes círculos humanos se choquem entre si. Embora esse choque seja feito em nome dos mais nobres ideais, é preciso compreender que tal luta se desenvolve dentro de um mesmo estado de consciência. Uma consciência que, ao não integrar a existência em um fenômeno uno e único, somente a percebe através do dualismo dos contrários: eu e não-eu; minha vida e a vida; meu interesse, oposto sempre ao que, por não pertencer ao círculo de meu eu, não me interessa, não me diz respeito, não está sob a minha responsabilidade e, ao não estar protegido por meus valores éticos e espirituais – que funcionam unicamente dentro de meu círculo – pode ser objeto de conquista, rapina ou destruição.

Porém quem usa a sua família para fins pessoais sacrifica a sua família; quem vive em uma comunidade sem integrar-se interiormente nela se transforma em um obstáculo para a unidade e a realização da comunidade. Os limites do que consideramos nosso marcam, conseqüentemente, o que, por não ser nosso – quer sejam bens, pessoas, terras ou credos – é oposto a nós e factível à livre apropriação, segregação, perseguição ou aniquilação sem travas morais.

Quem entende a vida, o mundo e os seres como uma unidade indivisível, trabalha e luta para todos eles. Porém, quando consagra a sua vida para o bem da humanidade, sem fazer diferenças dentro dela, com demasiada frequência sofre a incompreensão e a oposição dos setores em conflito que, por não poderem encaixar uma atitude universal dentro da limitação de seus objetivos particulares, consideram-na perigosa para o equilíbrio e para a sustentação de suas estruturas. Hoje em dia é sumamente difícil de se fazer entender uma atitude imparcial e não partidária, que não esteja a favor ou contra algo ou alguém. É inevitável que assim aconteça; um esforço movido por uma concepção mais ampla e universal é própria de um estado de consciência que transcende a separatividade de círculos mais limitados.

As diferenças aparentemente irreconciliáveis que hoje nos movem a destruir-nos mutuamente são expressão de um mesmo estado de consciência, não importando quais sejam as ideologias ou credos que professemos.

Certamente, não pretendemos dizer que todos nós pensamos da mesma maneira, mas que o objeto de nossos esforços e a base de nossas crenças, não importa como os denominamos, são idênticos como valores em si e produzem as mesmas consequências no mundo e em nossa vida. Esta afirmação, que à primeira vista pode nos parecer exagerada, evidentemente, não pode incluir todos os seres humanos, mas é tristemente correta para a grande maioria de nós. A nossa forma de sentir e de pensar, embora, idealmente, seja correta em seus conceitos morais e espirituais, na prática nos lança uns contra os outros. Quando os valores que nos regem surgem de um estado de consciência de separatividade, a luta pelo predomínio torna-se inevitável.

Muito dificilmente haverá solução para os males humanos dentro deste estado de consciência; os problemas que sofremos são consequência de se dividir em partes a unidade que é a vida, a humanidade e o mundo. Embora o conhecimento das partes nos dê poder, é a consciência da unidade a que torna esse poder um bem para a humanidade.

Mudar de nível, transcender a separatividade, é localizar as diferenças em vez de destruí-las.

Já não negamos o direito que todos temos de viver e de desenvolver as nossas possibilidades; compreendemos que as diferenças entre as distintas raças e culturas são apenas superficiais, que por trás das aparências e das características de cada um está o mesmo ser, com suas necessidades e possibilidades inerentes. No entanto, esse ser ainda deve lutar tenazmente para viver. A oportunidade de um bom desenvolvimento se dá em poucos setores humanos, enquanto que a grande maioria apenas consegue um estado de sobrevivência.

Quando o desenvolvimento de uma pessoa significa o atraso de outra, tal desenvolvimento é falso. Igualmente, se o adiantamento de um povo se assenta na pobreza de outros, o seu avanço não implica um desenvolvimento real.

A partir deste ponto de vista, entendemos o desenvolvimento como o aperfeiçoamento integral do ser humano e não apenas o desenvolvimento de algumas de suas capacidades. Os problemas atuais mostram que o adiantamento técnico alcançado não responde a um avanço da pessoa como ser humano, mas apenas a um mero aumento do conhecimento que essa pessoa tem a sua disposição.

Quando o crescimento do poder material se torna maior que o crescimento das pessoas como seres humanos, esse poder se volta contra si mesmo. Elas se voltam contra si mesmas: sua própria imagem encarnada na figura do outro: outro ser, outro povo, outra raça, outra ideologia.

O adiantamento unilateral do poder material mostra o atraso de nossa humanidade, por não caminhar no mesmo passo que o de nossos conhecimentos e técnicas. Seria ingenuidade que, para alcançar o equilíbrio, pensemos em deter o desenvolvimento da ciência e da técnica; o que temos de perguntar-nos é como deter a decadência de nosso ser em relação a esse desenvolvimento. Mantemos a nossa pequena estatura espiritual enquanto as nossas mãos crescem desmesuradamente até se transformarem em garras de rapina e de destruição.

O modo de apreciar o desenvolvimento de um conjunto de indivíduos é avaliá-los pelo que são como seres humanos e não pelo poder de que podem dispor ou abusar. O avanço técnico e científico mostra uma capacidade evidente de investigação e de aplicação do conhecimento, mas não revela que quem tem o poder de outorgar essa capacidade seja melhor do que quem não dispõe de tal poder.

Frente ao universo que hoje se abre diante de nós, sentimo-nos sacudidos pelas novas possibilidades que comovem os valores com os quais vivíamos e nos desenvolvíamos.

Quando os acontecimentos nos levam para situações novas, buscamos soluções. Instintivamente resistimos à mudança porque a sentimos como um ataque, um desequilíbrio, um problema. O novo sempre gera conflitos, altera a estabilidade. No entanto, em nossa sociedade atual, equilíbrio não significa harmonia nem estabilidade é sinônimo de justiça ou de paz. Nossa paz não se opõe à violência, mas a uma mudança em sua violência oculta.

Não há solução para as transformações que são parte da própria vida. As soluções que oferecemos são geralmente o disfarce com que dissimulamos a nossa oposição sistemática a toda mudança profunda. Se a vida é devenir, é transformação. Em vez de buscar soluções que intentam restituir as coisas a um estado anterior mais primitivo, necessitamos seguir o ritmo das transformações que o desenvolvimento da humanidade nos exige e, se não o conseguirmos, pelo menos deixar livre o caminho e alentar os que puderem fazê-lo.

Em vez de deixar correr a imaginação, sonhando com o que pode chegar a ser o mundo futuro, seria melhor dedicar-nos a captar o que já estamos em condições de ser como seres humanos.

Imaginar um mundo futuro, beneficiado pelo progresso e pelos avanços tecnológicos nos encanta e nos entretém, mas não nos compromete. O progresso e a tecnologia nos permitem viver de outra maneira, mas não nos torna seres diferentes. Tal coisa nos comprometeria, já que nos exigiria uma revalorização de nossa localização na existência.

Os objetivos que hoje nos movem se relacionam com o que somos hoje. Porém um objetivo se torna realidade somente através do tempo; quando alcançamos as nossas metas, elas já não têm grande sentido para nós, porque pertencem a um ser que passou e que já não existe. O ritmo de nossas mudanças hoje é mais rápido do que o da nossa história. Por isto, as nossas aspirações deveriam basear-se em nosso próprio desenvolvimento para que nos adiantemos como indivíduos, no mesmo ritmo de nossas conquistas.

Um mundo mais desenvolvido deveria ser para um ser humano mais desenvolvido. Não sendo assim, quando tal mundo se torne realidade, seremos extemporâneos. Isto significa, concretamente, que o impulso que nos move a progredir deveria contar com motivos mais elevados e mais dignos do que os que nos movem agora. O desejo de benefícios pessoais, as pequenas ambições de poder e de notoriedade, a ânsia por usufruir ao máximo os bens que podemos arrancar da vida ou da sociedade não podem constituir a base de uma humanidade melhor.

Quando as possibilidades são tão grandes como as que se nos mostram hoje, as nossas aspirações teriam que se ampliar até se tornarem uma vocação de realização como seres humanos. O desafio que o futuro nos apresenta hoje exige de nós uma nova dimensão interior para cumpri-lo.

Os nossos objetivos, portanto, não de estar em função de nossas possibilidades atuais e não das possibilidades de quem éramos ontem. Isto nos pede que nos desprendamos dos valores enraizados pelo hábito e, especialmente, pela comodidade de não se pensar em outros valores mais elevados que nos exijam uma mudança.

É relativamente fácil encontrar quem esteja disposto a fazer um trabalho exterior; muitas mãos se estendem ao primeiro chamado. Mas uma mudança interior é de outra natureza; a inércia é imensa e são poucos os dispostos a trabalhar para o desenvolvimento de si mesmo.

A capacidade criadora se concentra atualmente em conseguir progressos materiais, com resultados extraordinários, porém ainda não sabemos aplicá-la para o desenvolvimento do ser como tal. Cada um de nós teria de ser, para si mesmo e para a sociedade, o principal objeto do adiantamento, já que assim adquiririam sentido os demais avanços que podemos alcançar. Esta falta de capacidade ou de disposição para um desenvolvimento integral nos coloca hoje na situação de estarmos à mercê de nossas obras e à beira da autodestruição. A necessidade de que a humanidade desenvolva as suas possibilidades espirituais já é uma questão de sobrevivência.

Para solucionar nossos problemas, não nos tem sido de grande utilidade olhar para trás. O resultado da história é o que somos hoje, e a encruzilhada em que nos encontramos exige uma imaginação maior do que a registrada por nossa história. Mas, se olhar para trás não nos ajuda, olhar para frente pode nos levar a sonhos e quimeras. Olhemos então para dentro de nós mesmos, com profundidade e com liberdade interior, com um anseio real de expandir-nos e de participar do destino e das possibilidades de toda a humanidade.

É comum que a nossa primeira reação seja a de escapar dos problemas e que o nosso desejo de encontrar soluções esconda a ânsia de livrar-nos, de encontrar uma forma de escape particular que nos isente das angústias humanas. Mas buscamos o impossível; cada vez que pretendemos nos isolar, os nossos passos nos levam de volta ao ponto de partida e nos obrigam a aceitar o que cada um de nós é: um ser assustado e confuso, aturdido por seu poder e por suas dores, temeroso de sair de sua cova de desejos pequenos e de sonhos pobres. A busca de uma saída pessoal é o modo de fugir de problemas que nos dizem, continuamente, que temos de ser universais.

Acostumados a pensar a partir de um eu limitado, os nossos movimentos são centrípetos, sustentados por um afã possessivo que se apropria da realidade e a atrai para o nosso eu, identifica-a com esse eu e, por este motivo, desfigura-a e desnaturaliza-a. O eu se transforma assim em um devorador insaciável não só de bens, mas também de possibilidades, as quais destrói ao querer torná-las suas, pessoalmente.

Não há solução pessoal e isolada para um problema vital que compreende toda a realidade da qual somos apenas uma partícula. Em consequência, necessitamos pensar de um modo diferente, um novo modo de pensar que nos localize na vida, no mundo e em seus problemas como o que realmente somos. Necessitamos alcançar uma consciência expansiva que nos torne verdadeiramente universais.

Um novo modo de pensar surge de uma localização interior diferente da que é habitual em nós. Em vez de limitar a vida e o mundo à visão de um eu pessoal, com desejos limitados e problemas circunstanciais, contemplemos o mundo e a vida tal como sabemos que são. Desta maneira o nosso eu deixa de ser um ponto de contradição entre nós e o mundo.

Quando o ponto de partida do pensamento não é um eu pessoal limitado, mas um ser localizado em sua dimensão universal, o movimento do pensamento se faz expansivo. Ao sair do centro, ao deixar de ser o foco único de atenção dentro de uma problemática que, por pertencer à existência, não pode se fazer pessoal, já não é *este* ser, mas sim *o* ser o ponto de partida e a finalidade de nossas considerações.

Ao alcançar um enfoque mais amplo dos problemas humanos, nós os compreendemos em profundidade; já não se mostram a nós como os problemas de um indivíduo ou de um grupo, de um povo ou de uma raça, mas como problemas do ser humano. Tornam-se universais em seu alcance e exigem assim uma solução para o ser humano e não apenas para este ser humano.

Se a finalidade de nossos esforços se assentam no benefício de um eu separado e oposto aos demais, todo o curso das considerações que possamos fazer e a natureza das conclusões a que possamos chegar se desfiguram e se desnaturalizam. Quando pensamos não só em nossos problemas e conflitos particulares, mas também em nós mesmos como seres humanos em nosso marco natural – o universo –, o nosso pensamento se amplia até ter um alcance universal. Compreendemos que os conflitos humanos são produzidos pela limitação de nosso estado de consciência e pelo curto alcance de nossas aspirações.

O resultado de um pensar universal é o desenvolvimento de um estado de consciência que transcende a fronteira do ser como pessoa separada e, conseqüentemente, dá uma melhor compreensão de seus problemas. O resultado de um pensar universal na conduta é a participação com o ser humano, resultado de um amor inclusivo. Este amor, que une ser com ser e faz de meu ser *o* ser, não é, decerto, um movimento sentimental ineficiente, um lamento pelos males do mundo ou uma lástima momentânea pelos que sofrem. É um amor que nasce da expansão de nossa realidade interior, que cobre todos os seres humanos porque os compreendemos em nós mesmos.

Os demais seres já não são mais "a humanidade", esse ente abstrato e amorfo que nos permite separar-nos de nossos problemas para contemplá-los como estranhos. A humanidade é cada uma das pessoas e também o próprio ser. Porque se é este, esse e aquele ser humano. Se é todos os seres humanos porque se é *o* ser humano.

O amor transcende a etapa da emotividade e se faz um estado de consciência; é um conhecimento interior profundo que dá um ponto de partida amplo e universal para conceber valores de acordo com a localização universal do ser no cosmos.

O primeiro passo para a expansão de nossa consciência é o que damos em direção ao nosso semelhante. Não poderíamos alcançar uma consciência cósmica se excluíssemos as pessoas que estão ao nosso lado. Portanto incluímos cada pessoa como humanidade. A partir daí, a nossa noção de ser vai crescendo até abarcar toda a nossa realidade e nos localiza *com* a humanidade e *como* humanidade, no cosmos.

Este movimento que nos leva para uma consciência mais ampla e mais completa do que somos supõe um novo modo de pensar; isto é, um pensamento expansivo que traslada os problemas humanos para a sua escala cósmica e, assim, mostra-os em sua verdadeira dimensão. Também nos revela a triste e pequena dimensão de nossa consciência, quando geramos conflitos que são alheios a nossas possibilidades extraordinárias, envolvemo-nos neles e destruimos por eles.

É lamentável, por isto, o atraso das ideologias do momento em relação ao adiantamento alcançado pela conquista do conhecimento. Para solucionar os nossos problemas, próprios de um rápido desenvolvimento, apoiamo-nos em ideias criadas para um tempo diferente, mais restritas em seus conhecimentos e no alcance de suas possibilidades.

Apesar de nossas conquistas científicas e tecnológicas, inclusive as que nos levam para além do contexto terrestre e ampliam até o cosmos a fronteira da experiência humana, esse progresso não tem trazido consequências apreciáveis na consciência dos valores da humanidade como um conjunto.

A experiência de ver-nos a partir do espaço cósmico deveria haver gerado um sentido de comunidade humana, liberar-nos do círculo pequeno onde acontecem os nossos problemas e localizar-nos em um universo que se nos oferece como nosso campo de desenvolvimento. Porém não temos nos localizado *interiormente* na humanidade, e menos ainda no cosmos; a nossa consciência de existir não se expande para se coincidir com os limites de nossos conhecimentos e experiências. Os nossos adiantamentos têm resvalado na superfície de nosso pequeno eu e não têm transcendido na escolha de nossos objetivos nem em nossas aspirações.

Necessitamos compreender melhor a origem de nossas ideias, dos nossos desejos de renovação e de nossas resistências a uma transformação.

Poder-se-ia dizer que o impulso por saber tem em nós uma dupla origem: o instinto de conservação, comum à espécie animal, e o anseio de liberação, próprio do ser humano.

O instinto de conservação faz com que, cada vez que alcancemos uma meta, queiramos fazer dessa realização uma posição absoluta e definitiva. O instinto de conservação provoca a resistência à mudança, faz-nos interpretar que a estabilidade, a não mudança, é segurança.

Por outro lado, o anseio de liberação vai muito além do que o instinto de conservação pode nos exigir. Faz-nos sentir insatisfeitos com a estabilidade que possamos haver alcançado, mantém em nós uma inquietude que nos faz avançar no conhecimento; incita-nos a uma atitude dinâmica que busca, na mudança, não só uma renovação, mas também o nosso desenvolvimento como indivíduos e a realização de novas possibilidades que descobrimos ou vislumbramos.

A luta entre estas duas forças marca a linha da nossa história. Esta luta não se desenvolve unicamente entre os diferentes grupos ideológicos ou entre as gerações, mas em nosso interior, e assume características diferentes ao longo de nossa vida.

O predomínio de cada uma destas forças determina, periodicamente, as características dos diferentes momentos do ser ao longo de seu desenvolvimento, quer seja como indivíduo ou como humanidade.

Cada vez que damos um passo adiante no conhecimento da vida e do universo necessitamos nos realocar. Isto é, cada avanço em nosso saber deveria traduzir-se em um avanço na visão que temos de nós mesmos e de nossa relação com o mundo e com o universo e, conseqüentemente, em um melhoramento de nossos valores. Isto significa uma localização dinâmica que nos permita permanecer, sem cristalizar-nos, dentro do marco crescente da realidade que abarcamos em nossa consciência.

O que desejamos reforçar não é apenas a necessidade de uma realocação, mas também que ela seja contínua. Não sendo assim, trocaríamos uma visão do mundo e da vida que já não é mais atual por outra que fosse atual, mas da mesma natureza.

Não podemos impedir o progresso de nossos conhecimentos; a vida é experiência contínua. Este avanço nos obriga a crescer interiormente no ritmo de nosso saber. De outra forma, o nosso conhecimento seria um acúmulo de dados em vez de ser uma ensinância transformadora.

A continuidade na realocação torna a vida uma experiência incessantemente renovada, verdadeira transformação dinâmica. Porém isto nos exige liberação interior.

Necessitamos aprender a ser conscientes do mundo que conhecemos e não apenas do que vemos. Mesmo construindo telescópios que nos lançam na infinitude do cosmos, continuamos a basear os nossos objetivos e condutas na percepção natural dos sentidos. A nossa vida é sensível tanto quanto pode sê-lo em qualquer membro da espécie animal.

A capacidade criadora e o maior conhecimento não nos deram, usualmente, uma maior profundidade em nossos valores e aspirações, mas apenas o poder de realizar desejos de posse e sonhos de domínio. Desejos de uma persona minúscula em relação às forças que maneja. Esta distância qualitativa entre o ser e o seu poder se traduz, na atualidade, em conflitos que não sabemos como resolver.

Dividimos os problemas de acordo com o modo como fragmentamos a sociedade: econômicos, sociais, políticos, espirituais. Certamente, assim não há solução; o ser é uma unidade. Além disso, temos uma ideia muito particular do que deve ser uma solução. A vida não é um problema que necessita de remédio, nem os nossos problemas terminam com as soluções correntes; os problemas humanos não são charadas a serem resolvidas nem buracos a serem tapados. A maioria de nossos problemas é criado por nós mesmos e não pela vida. A fome é saciada com comida, mas o problema da fome no mundo não consiste atualmente em falta de alimento, mas em nossas aberrações em relação ao valor do indivíduo, aos seus direitos e necessidades.

As circunstâncias que hoje nos colocam à beira de catástrofes mundiais não são uma consequência natural da vida, mas sim uma consequência da ânsia insaciável de posse, da indiferença, da miopia de nossas aspirações e da obstinação de nossas ideias e crenças.

O nosso mundo tem crescido; nós temos ficado para trás. Não nos entendemos nem nos damos conta do que está acontecendo, porque permanecemos fora do que hoje é a nossa realidade. Não há fuga que nos salve; necessitamos confrontar-nos com o que somos. Em vez de buscar vítimas expiatórias, cada um de nós deveria olhar para si mesmo, ampliar o enfoque com que considera a vida, os demais seres e a sua vida particular. Por não fazer isto, chegamos a situações trágicas, sem saída.

Falamos em mudar estruturas sem que, até o momento, tenhamos chegado a um acordo sobre quais são as mudanças concretas a serem realizadas, como realizá-las ou ainda como deve ser uma estrutura. Na realidade, o que necessitamos mudar é o nosso estado de consciência. Necessitamos expandir-nos interiormente.

Mas não podemos alcançar uma dimensão cósmica repentinamente; seria como um salto no vazio. Podemos começar, então, compreendendo a nós mesmos e a nossos problemas imediatos de forma mais ampla, estendendo o nosso campo de consciência a partir de um círculo pequeno até outro maior e assim cobrir, paulatinamente, as nossas possibilidades de desenvolvimento.

Ainda que não sejam muitos os que possam alcançar rapidamente uma compreensão profunda do ser e da existência, todos temos a possibilidade de desenvolver uma visão mais universal de nós mesmos, da sociedade e do mundo.

Quando conseguimos localizar-nos de forma integral, muda a nossa apreciação da realidade e, por conseguinte, o nosso modo de pensar. Os problemas que estamos sofrendo hoje se mostram então como próprios de etapas já superadas do desenvolvimento humano os quais não podemos solucionar a partir de medidas exclusivamente exteriores, mas sim através de uma localização interior diferente, em e a partir de nós mesmos.

Ao falar de uma nova forma de pensar, não pensamos em mudar a estrutura do pensamento nem pretemos inventar novos valores. Uma nova forma de pensar é fazer com que o nosso

pensamento, em vez de discorrer sem objeto e sem grande consciência, se faça expansivo e plenamente consciente, criador em seus resultados e inspirador em nossas aspirações.

Essa nova maneira de pensar dá asas ao nosso pensamento, impulsiona-nos para liberar-nos da rede dos pequenos interesses pessoais e para descobrir interesses mais amplos em nossos objetivos. Uma nova maneira de pensar é, então, deixar de pensar a partir de um eu empequenecido pelo egoísmo e fazer dos seres, como indivíduos e como humanidade, o centro de nosso interesse e de nosso esforço. O nosso ser – e o de cada um dos seres humanos – mostra-se então para nós em suas inumeráveis possibilidades. Já não é um mero consumidor de bens materiais e intelectuais, senão que revela o seu potencial espiritual e a sua capacidade de realização interior.

3. A CRISE DO SUCESSO

A nossa sociedade é a sociedade do sucesso.

No entanto, nem sempre temos uma noção clara de onde queremos chegar. Desejamos triunfar, ser “alguém”, mas o que é triunfar para nós?

Através do conceito de sucesso expressamos, na realidade, o anseio de alcançar a nossa realização. Porém não escolhemos a nossa realização como o resultado de uma consciência profunda do que somos e do que ansiamos; perseguimos o sucesso através das metas tácitas da sociedade em que vivemos: amor, dinheiro, reconhecimento, poder.

Não discutimos estas metas; damos como certo que são as melhores para cada pessoa, para a sua família, o seu país, o mundo. Tampouco é claro para nós quando é que alcançamos sucesso, pois não nos é fácil distinguir que tipo de amor é amor, nem quanto dinheiro, poder ou reconhecimento é a medida do sucesso.

A sociedade, por seus valores relacionados ao sucesso e ao consumo, pressiona-nos e despoja-nos implacavelmente. O nosso nome importa apenas na medida do reconhecimento que conseguimos; somos um consumidor genérico, tanto de bens quanto de ideias. Tampouco nos são oferecidas demasiadas opções para podermos discernir; até mesmo as notícias que nos informam são parciais e tendenciosas. Não aprendemos a pensar porque já não distinguimos o nosso próprio juízo das opiniões coletivas; não aprendemos a ser livres porque temos medo. Então reagimos: queremos possuir para compensar o nosso vazio interior. E em nosso afã de posse nos lançamos em busca de valores alheios à vida, artificiais e convencionais: *os símbolos do sucesso*. E é aí onde nos perdemos como seres humanos, ao tratar de incorporar em nosso ser bens que nos são estranhos, posições, que dissimulam a deformação, mas não a encobrem.

Começamos por confundir o sucesso com a posse dos símbolos do sucesso e, por fim, terminamos por nos confundir pensando que somos os símbolos que exibimos.

Não dizemos: tenho dinheiro; dizemos: sou rico, sem suspeitar sequer o que significa ser rico. Não dizemos: conheço esta profissão; dizemos: *sou* médico, *sou* advogado, *sou* engenheiro. Identificamo-nos com um símbolo que ao final é uma placa em uma porta, um nome precedido de um título que nos diz quem somos, em vez de manifestar simplesmente aquilo que sabemos ou administramos.

Perdemos a nossa identidade; pensamos, sentimos e atuamos em função dos símbolos do momento. Estes símbolos não são questionados: estamos programados para o sucesso exterior e superficial. Porém o artificial e o convencional, o alheio ao ser e à vida, não pode ser possuído; só pode ser exibido.

A ânsia por signos exteriores pode satisfazer-se massivamente. Os símbolos do sucesso são produzidos em série, desde as cédulas de dinheiro até os automóveis de luxo.

Mas o anseio de plenitude não se sacia com bens exteriores nem com símbolos convencionais. A necessidade interior de realização se satisfaz individualmente, de forma profunda, pelo próprio ser.

Os valores interiores, aqueles que podem dar a paz e a felicidade desejadas, não têm lugar na corrida para o sucesso: não podem ser vistos, não podem ser contados nem exibidos.

Já não importa, por exemplo, se o lar é um mero formalismo, sem amor nem entendimento; vale segundo os símbolos: casa, móveis, artefatos, localização.

Poucas vezes nos importa se o trabalho é um engano para a sociedade, se a nossa capacidade é desperdiçada e nos transforma em ser alguém para uma cadeira. Vale conforme o salário, que marca o status.

Poucas vezes nos importa se o trabalho que nos permite subsistir é diferente daquele para o qual nascemos e não condiz com as nossas aptidões: “há que viver”.

Poucas vezes nos importa se os círculos sociais nos quais nos movemos possam ser vazios, viciados e corruptos; valem segundo a importância das pessoas que o integram e o nível econômico das relações.

Comprometemos a nossa vida, as nossas possibilidades, a nossa felicidade, em uma corrida para a aquisição de símbolos artificiais. E perdemos assim o sentido profundo dos valores humanos. A corrida em busca do sucesso nos deixa vazios, sem conteúdo.

O lugar que ocupamos na sociedade não se baseia em nós como indivíduos, mas nos símbolos que possamos mostrar.

O nosso ser desaparece, assim, por trás dos símbolos; já não existimos como pessoa; deixamos de ser sujeitos para transformar-nos em portadores de futilidades.

Perdemos assim o respeito que devemos a nós mesmos.

Queremos mais do que podemos necessitar e usar, porque é símbolo de sucesso o excesso na posse, aquilo que nunca poderá ser nosso porque não o necessitamos nem poderemos consumir com proveito.

O conceito atual do sucesso deriva de um sistema de competição desapiadada.

A corrida para conseguir os símbolos artificiais do sucesso supõe o fracasso ou a preterição de outros, sejam indivíduos ou grupos humanos.

Quantas vezes ouvimos: “Nesta sociedade somos muitos os que chegamos; todos temos oportunidades”. Mas na pirâmide do sucesso há menos espaço quanto mais alto se sobe. Ao final, o que chega está de pé sobre todos os demais.

Essa competição torna o sucesso, como usualmente o entendemos, uma oposição entre uns e outros; entre o indivíduo e a sociedade; entre a pessoa e o meio.

Traslada-se para o meio a imagem da natureza ameaçadora e a pessoa se comporta como um ser primitivo que mata ou morre.

Esquecemos que já não vivemos nem na caverna nem na selva, que mudamos e que as nossas possibilidades já são outras.

Mas, no entanto, o triunfo de alguns significa a humilhação de muitos.

O conceito atual de sucesso descansa em suposições que tornam as relações sociais agressivas e violentas; é a lei da selva aplicada às relações humanas.

A competição de uns contra os outros, para escalar os degraus do sucesso, destrói finalmente os valores morais e espirituais e torna o indivíduo uma fera devoradora das possibilidades de outros indivíduos.

O importante hoje, no mundo, não é descobrir onde está a verdade, mas sim quem ganha, porque *quem ganha tem razão e a sua verdade é a verdade.*

Ganhar é o símbolo do sucesso. Um conceito bem aplicado à besta mais feroz não pode servir para medir as realizações humanas. No entanto, o triunfo pela violência é a coroa de nossos símbolos do sucesso.

Os *slogans* impulsionam todos em direção ao sucesso exterior, mas desconhecem ou ignoram deliberadamente que o mundo não está povoado por triunfadores nem por artistas da moda.

Na sociedade atual, são muito poucos os que podem alcançar os símbolos do sucesso.

Encorajar todos em direção a uma ilusão que muito poucos poderão realizar é semear o sentimento de fracasso naqueles que seguramente não irão chegar, sem evitar por isso a desilusão nos que triunfam.

Os símbolos do sucesso oferecem plenitude e alegria de viver; dizem: triunfe e será feliz. Entende-se que, uma vez que se tenha tanto dinheiro, poder ou glória, sentir-se-á realizado, em paz consigo mesmo e com o mundo.

Quem não chega se sente fracassado, mas aquele que chega, mesmo que compreenda que tudo foi uma ilusão, não pode dizer nem ao menos confessar isto a si mesmo. Seria admitir que não chegou a lugar nenhum: *deve* sentir que alcançou o sucesso; *deve* continuar a fábula do triunfador; *deve* demonstrar a todos que chegou. Onde?

Os símbolos do sucesso prometem uma felicidade que não podem dar.

Quando não empurram para a decadência e para a degradação, pagam as vultosas contas dos terapeutas e das drogas sedativas.

Quem está ao pé da encosta vive da ilusão da meta. Tem algo para desejar, um objetivo concreto para comprometer nele os esforços de sua vida.

A corrida para o sucesso está cheia de promessas, mas a chegada à meta significa chegar a uma praça vazia que termina em uma descida.

O sucesso humano é admirado e invejado a partir de fora, mas só por dentro se conhece a sua vacuidade e inconsistência.

A sociedade não perdoa; quem chega ao cume imediatamente é empurrado pelos que querem superá-lo.

A crise do sucesso se mostra no desespero por ganhar de uma sociedade que destrói o mundo para salvá-lo.

O indivíduo fracassa para que triunfem os seus símbolos.

Onde ficarão os nossos anseios de realização, essa ânsia de chegar a *ser*, de alcançar plenitude através de uma transformação interior produzida pelo nosso desenvolvimento?

Sacrificamos o que somos para ostentar os símbolos do sucesso.

Desaparecemos sob o peso de nossos símbolos de fantasia.

O sucesso é um fantasma que não encarna na vida.

As consequências de nosso conceito de sucesso são a competição sádica, tanto entre indivíduos quanto entre nações; a demagogia como política e a guerra como recurso econômico.

Não se pode lançar em vão uns contra os outros em nome de um triunfo ilusório; o resultado é uma sociedade dividida, em convulsão e a caminho da autodestruição.

Na maioria dos países, quando a criança chega à idade escolar já assistiu, em média, a oito mil horas de televisão ou mais.

Desta maneira, ficou em contato direto com a delinquência, o crime, com a destruição planejada e eficiente das guerras modernas, com as críticas a essas guerras, com as crises espirituais e religiosas, com os melodramas que desfiguram e rebaixam os valores morais, com o que se deve desejar e consumir para se ter sucesso.

Como consequência, mais adiante costuma reagir contra as gerações que o precederam e contra os seus valores.

Porém já foi submetido a uma pressão ideológica, através da propaganda que padronizou as suas ideias antes que pudesse desenvolver uma capacidade interior de defesa, antes que contasse com suficiente discernimento para proteger-se.

Mesmo que, por um lado, reaja contra a sociedade, já não poderá impedir que seus pensamentos e desejos lhe sejam alheios. Já estão enxertados em sua mente os símbolos que sente que deve conquistar. Já está programado para ser o que o meio espera dele: consumidor eficiente e insaciável de bens, de moda, de notícias, de ideias.

O jovem pode rechaçar a sociedade em que vive, mas consome desesperadamente os seus símbolos. Ele está dividido; ao reagir contra a sociedade o faz contra si mesmo. Interiormente se rebela, porém só se reconhece e se identifica como um produto a mais de sua sociedade. Acredita que tem pensamento próprio quando reage contra o meio, porém a sua reação é uma simples consequência de ser parte desse meio.

O que pode fazer?

Em sua visão dualista das soluções, distingue apenas duas atitudes: aceitar ou rebelar-se. Mas quando se rebela se destrói interiormente. Não pode compreender a si mesmo; não pode separar o que está programado nele do que ele é, necessita e aspira.

Está programado pela cultura e por seus meios de comunicação, os quais se tornaram agentes de propaganda.

Está programado por uma educação que informa, mas não forma. Abstraído dos problemas da vida por programas de estudo que prescindem do contexto em que vive; por uma educação que mantém o aluno alheio à realidade e aos problemas que sofre sem saber por quê; por uma informação excessiva sobre o que a humanidade já conhece, mas que não se conecta com o momento em que se vive e afasta dos problemas da vida; uma informação que, quando estuda os problemas vitais, dá uma visão tão parcial ou teórica que se torna prejudicial em suas consequências. Ele aprende teorias, técnicas e doutrinas, mas não aprende a viver. Por isto, a sua localização na vida e no mundo é deixada ao livre jogo do meio, da sorte e da sua capacidade para adaptar-se e sobreviver.

Porém ele já está programado para um sucesso que não alcançará. Lançado em uma corrida sem fim e sem destino. Isto nos obriga a uma tomada de consciência.

Muitos poderão dizer: “Eu não tenho problemas, não persigo um sucesso extraordinário; não tenho ambições desmedidas, me conformo com o que já alcancei”. Está bem; é fácil viver uma vida sem pretensões, mas esta postura pode albergar uma visão superficial da existência, uma visão que foge dos problemas. É muito difícil dar conteúdo a essa vida programada para o nada.

A posse de símbolos não é realização individual, mas, simplesmente, acumulação.

Os símbolos que perseguimos não valem o que pagamos por eles.

A vida e o ser não têm um preço material.

O nosso erro consiste em querer comprar com símbolos materiais um valor vital.

Necessitamos reformular os nossos postulados e analisar os nossos símbolos, tomar consciência de que reagimos de forma automática e inconsciente na escolha de nossos objetivos. Necessitamos individualizar-nos para poder discernir.

Discernir é distinguir o certo do falso. Discirnamos, então, para resgatar-nos a nós mesmos.

Em vez de nos incitarmos para nos destruir, deveríamos fazer do sucesso um conceito universal que inclua os seres e amplie a nossa noção de ser.

A capacidade de triunfar deveria estar unida a um conceito expansivo de responsabilidade. Mas o conceito pessoal de sucesso destrói a possibilidade do esforço e da realização comum.

Enquanto não trocarmos a ideia personalista de sucesso por uma consciência de desenvolvimento humano, os esforços individuais terminarão sempre no enfrentamento entre as coletividades.

O triunfo pessoal deveria ser inseparável do bem do conjunto. Isto mudaria o conceito de sucesso; deixaria de ser um direito ao livre usufruto da vantagem dos símbolos para transformar-se em um bem que se transmite e se derrama sobre todos.

São inegáveis as diferenças entre os seres humanos; alguns têm a capacidade de conseguir o que outros não alcançam por si mesmos. Estas diferenças foram exploradas para a acumulação de símbolos que se usam contra os demais. Porém a capacidade pessoal é um bem quando se derrama sobre o conjunto por um sentido interior de participação.

Os dons que mostram o desenvolvimento de um indivíduo rebaixam-no quando este não os usa à altura desse desenvolvimento.

Vender os nossos dons para os símbolos do sucesso nos deixa sozinhos com os símbolos, sempre em detrimento de nossos valores interiores.

Em troca, quando oferecemos a nossa capacidade para além de nosso interesse particular, essa capacidade se multiplica e transforma a nossa realidade interior porque amplia a nossa consciência de ser. Esta expansão se expressa em um bem interior profundo e permanente, um bem que não perderemos. Leva-nos até um cume de onde ninguém pode nos desalojar porque é intrínseco a nosso ser. É fruto de nosso desenvolvimento interior, de nossa realização espiritual.

Oferecer o melhor de nós mesmos, compartilhar os nossos dons, aqueles que realmente nos pertencem, é o que nos faz crescer, porque sabemos que dar nunca se limitou ao que pudéssemos dar do nosso bolso.

Crescemos quando deixamos de acumular símbolos e nos desenvolvemos como seres humanos; crescemos quando, por oferecer as nossas capacidades, multiplicamos as nossas possibilidades.

Triunfamos quando nos desprendemos dos símbolos. Tornamo-nos livres quando não dependemos dos signos do sucesso.

Então, o sucesso desaparece como sinônimo de triunfo, e cada um de nós se mostra como um símbolo vivo, por seu desenvolvimento interior permanente, pela realização expansiva de suas incontáveis possibilidades.